

LARA E SUAS BONECAS NEGRAS: vivências ancestrais numa roda de histórias

SILVA, Daniele do Nascimento ¹

RESUMO: Este trabalho apresenta um recorte das vivências ocorridas durante a pesquisa de mestrado em conclusão “Letramentos e encantamentos: uma experiência com a literatura infantil afro-brasileira”. Este estudo ocorreu numa escola comunitária e promoveu rodas de contação de histórias de distintas obras de literatura infantil afro-brasileira para uma turma do primeiro ano da educação básica. Esta produção traz uma reflexão a partir das vivências ocorridas mediada pela obra *As bonecas negras* de Lara escrito pela professora doutora Aparecida de Jesus Ferreira. Tendo como objetivo desta experiência, “entender as possibilidades de letramentos da literatura infantil afro-brasileira”. A sociedade brasileira ainda carrega as impressões de dois grandes marcos históricos: a colonização e a escravidão, que estão nas esferas econômicas, sociais e políticas não acabaram com o fim do colonialismo e escravidão. A literatura afro-brasileira é uma das possibilidades de escrever uma nova história e resgatar a cultura e identidade do povo negro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil afro-brasileira; Bonecas negras de Lara; Abayomi

ABSTRACT:

This paper presents a summary of the experiences that occurred during the master's research in progress, entitled “Literacy and enchantment: an experience with Afro-Brazilian children's literature”. This study took place in a community school and promoted storytelling circles of different works of Afro-Brazilian children's literature for a first-year class of basic education. This production brings a reflection based on the experiences that occurred mediated by the work *As bonecas negras* de Lara, written by professor Aparecida de Jesus Ferreira. The objective of this experience was to “understand the possibilities of literacy in Afro-Brazilian children's literature”. Brazilian society still carries the impressions of two great historical landmarks: colonization and slavery, which are in the economic, social and political spheres and did not end with the end of colonialism and slavery. Afro-Brazilian literature is one of the possibilities for writing a new history and rescuing the culture and identity of black people.

KEYWORDS: Afro-Brazilian children's literature; Lara's black Dolls; Abayomi

1. PRIMEIROS PASSOS

Quando eu morder a palavra,
por favor, não me apressem,
quero mascar, rasgar entre os dentes,

¹ Mestra do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia. Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela UFBA. Licenciada em Ciências Sociais pela UFBA e pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia. Daniele_dns@yahoo.com.br

a pele, os ossos, o tutano do verbo,
para assim versejar o âmago das coisas.
Conceição Evaristo

A apropriação das palavras, da literatura pelos negros africanos e da diáspora, como diz a autora Conceição Evaristo nos versos acima, deve ser saboreada e degustada e assim pela palavra experimentada, desfrutada, pelas letras, símbolos e significados conjugados, há apropriação total, um mergulho e resgate da história do povo negro através da literatura. Desta forma, este artigo apresentará a obra *As bonecas negras* de Lara, como o pássaro mítico sankofa (que diz nunca é tarde para voltar para trás e apanhar o que é seu) que retorna para conquistar o conhecimento do passado, a sabedoria e o resgate da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor. A ave Sankofa, que se permuta no processo de escrita da ancestralidade negra está marcada por um corpo em diferença, que em outrora era marcado pela escravização. Assim, a escrita sobre Lara e suas bonecas é construída como uma tática de libertação e imposição dos saberes que constituem a nação brasileira, uma produção de saberes desenvolvidas a partir de grupos que experimentaram a subalternização

O presente artigo é um recorte da minha pesquisa de mestrado em educação pela Universidade Federal da Bahia, sobre a literatura infantil afro-brasileira. Tem como objetivo entender as possibilidades de letramentos da literatura infantil afro-brasileira na prática educativa. O estudo ocorreu numa escola comunitária, onde havia roda de contação de livros de literatura infantil afro-brasileira, após a contação de história havia uma problematização sobre os temas apresentados na história e num outro momento as crianças faziam produções a partir das obras lidas.

A metodologia da pesquisa é a interpretação crítica sobre as relações raciais com o objetivo de explorar as nuances possibilidades das questões raciais através da literatura infantil afro-brasileira que se assenta sobre o paradigma da Afrocentricidade, desenvolvido pelo professor doutor afro-estadunidense Moleki Kete Asante, esta corrente de pensamento e de prática baseada na imagem cultural e nos interesses humanos dos povos africanos e afro-diaspóricos. Este paradigma propõe uma mudança no pensamento corrente eurocêntrico, uma correção construtural da desorientação negra, descentramento e falta de agência negra, é uma afirmação do

lugar de sujeito dos africanos dentro de sua própria história e experiências, rejeitando o lugar de marginalidade que a história e cultura dos povos africanos e afro-diaspóricos foi designado, frequentemente expresso nos paradigmas comuns da dominação conceitual europeia.

Esta metodologia visa através da literatura suscitar a reconstrução do que foi rompido pela colonialidade, voltar as tradições ancestrais, resgatar seus valores fundamentais para reencontrar suas próprias raízes e o segredo de sua identidade profunda, pois a colonialidade e sua educação ocidental, remove as tradições dos povos originários o tanto que for possível para implantar no lugar suas próprias concepções. A literatura infantil afro-brasileira pode provocar, promover a construção da identidade e conhecimento de sua história, pois apenas quando os sujeitos sabem quem são, deixarão de serem como fantasmas, invisíveis para a sociedade e para o Estado. Assim, através da arte literária, os sujeitos são capazes de resgatar suas referências, língua, cultura, história, poderão si resgatar, e assim, poderão reivindicar seus direitos.

2.1 LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA

A literatura infantil é fundamental no desenvolvimento das crianças, para a sua apropriação do mundo. Ouvir histórias é muito importante na formação das crianças, é o início da aprendizagem para ser um leitor, se apropriar do mundo sendo leitor, possibilita um infinito de descobertas e de compreensão da sociedade. Contar histórias é despertar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação as questões da vida, é encontrar outras formas para resolver problemas, de acordo as vivências dos personagens fizeram. Possibilitando descobrir um vasto mundo de conflitos, soluções e impasses que todas as pessoas passam, através dos problemas apresentados nas histórias, enfrentados, resolvidos ou não pelos personagens. Ao se identificar com as questões dos personagens, entender melhor as suas próprias dificuldades, podendo até encontrar um caminho para solucionar seus dilemas.

A literatura infantil se desenvolve a partir de representações sociais e identitárias e apresenta visões de mundo, cultura e práticas sociais. O texto literário infantil produzido por adultos costuma compreender o leitor, a criança, como receptor passivo, devido a sua reduzida experiência de vida e de repertório literário; apresentando personagens modelares, que possui exemplos de bom comportamento e valores a serem seguidos. Os personagens que baseiam esses modelos, os protagonistas das narrativas, apresentam características relacionadas aos grupos dominantes, mantenedores de poder, não atendendo a diversidade étnica, invisibilizando a representação de personagens negras, indígenas, asiáticas, entre outras.

A presença de personagens negras e os elementos da cultura africana e afro-brasileira nas obras de literatura infantil e juvenil brasileira, é praticamente inexistente, anteriormente a década de 1970, quando eles aparecem é representado com docilidade servil, passivo, submisso, atendendo seu papel de subalternidade, como a Tia Nastácia e o Tio Barnabé na obra *Iobadiana*; ou é apresentado como o personagem que suscita piedade, como o Menino André, da triste lenda do menino do pastoreio; ou é aquele que se não se aceita e se reveste de outra pele, “o negro de alma branca”. Estes personagens reproduzem e reforçam estereótipos racistas da sociedade comum na história da literatura brasileira, assim como na literatura infantil e juvenil, onde o povo negro era pouco representado e quando era representado, foi numa perspectiva colonizadora, de subalternidade como sujeito escravizado e obediente aos abusos da branquitude, ou numa visão simplista das relações sociais após o período da escravidão (DEBUS, 2017).

Os contos clássicos e as obras literárias infantis são marcadas por personagens distante da realidade brasileira com sua multiplicidade étnica e faz a reprodução de uma cultura eurocêntrica branca. A baixa representatividade das crianças negras ou representação nociva da cultura afro-brasileira e dos povos indígenas faz com que as crianças desenvolvam percepções distorcidas sobre o ser negro, ser indígena, acerca da história e cultura afro-brasileira e indígena, toda a nossa diversidade não é contemplada, assim o processo de branqueamento corrompe as identidades em formação dos pequenos leitores. Mariosa e Reis (2011, p.51) afirmam que

A carência da devida valorização das características físicas e culturais dos negros acaba por resultar em rejeição das crianças negras de sua ancestralidade e todos os símbolos a elas relacionados, prejudicando sua identidade em formação. A imagem da África também precisa ser revista. A ideia predominante de que o continente africano é um país e que, de um lado, estão as selvas e do outro os negros doentes e famintos, obviamente, elimina a possibilidade das crianças afrodescendentes se identificarem com a sua origem.

Destarte, a literatura brasileira, tradicionalmente, tem reproduzido o racismo estrutural de nossa sociedade, invisibilizando o povo negro e os povos indígenas trazendo consequências na formação da identidade das crianças pertencentes a estes grupos, legitima a inferioridade racial, mostrando para as crianças brancas que há inferioridade de algumas pessoas, perpetuando práticas racistas na sociedade. Araújo (2012) apresenta uma síntese das pesquisas brasileiras sobre relações raciais na literatura infanto-juvenil com personagens negros, de acordo a autora, os estudos apresentam um tratamento profundo e sistematicamente desigual entre brancos e negros.

A literatura como afirma a autora (ARAÚJO, 2012) tem sido uma cúmplice do racismo, as pesquisas mais recentes apontam mudanças nos discursos dessa literatura, passando a ter algumas formas mais favoráveis aos negros, simultaneamente, com a reprodução de formas de hierarquização entre brancos e negros. Assim, a presença de personagens negros na literatura passou por algumas fases, inicialmente, havia ausência absoluta destes sujeitos; num segundo momento, os personagens negros aparecem, revelando todo o racismo de nossa sociedade e apresentando estes sujeitos de forma subalternizada, reproduzindo estereótipos; a fase seguinte procura fazer uma crítica ao racismo ao apresentar estes personagens, contudo, ainda reproduz estereótipos, discursos racistas, tirando a agência destes personagens. A última fase apresenta uma produção comprometida com a luta antirracista, realizadas também por pesquisadoras da área da literatura.

É mister para a sociedade brasileira o desenvolvimento de um currículo que contemple todas as tradições, culturas e referenciais simbólicos que nos constituem, trazendo para prática educativa a cosmogonia e epistemologia das ancestralidades afro-brasileira e indígenas que continuamente são negadas ou reduzidas. A fim de levar as crianças a entenderem como as relações étnicas, as questões concernentes a

memória e identidade afro-brasileira, indígena e a complexa hierarquização social se estruturam na nossa sociedade.

A literatura brasileira fomentou o racismo, através dela é possível criar preconceitos, guerras, porém também é um meio de renovar o conhecimento, de desconstruir imagens negativas dos primeiros povos e visões de mundo racistas. A literatura infantil tem o poder de apresentar temas pesados, complexos, inquietar e transformar os leitores, assim ela pode formar uma sociedade mais justa e igualitária. Diante desse contexto, essa pesquisa visa apresentar a literatura infantil afro-brasileira e indígena para as crianças, para que estejam possam desenvolver o letramento não apenas de códigos fonéticos, mas também da cultura e identidade que o permeia, e é silenciada, dos povos originários indígena e negro, de forma que essas crianças valorizem essa cultura e olhem com a dignidade que merecem estes povos. Destarte, a literatura infantil é uma profícua ferramenta para desenvolver uma sociedade antirracista e formar cidadãos que conhecem sua identidade, história e uma nova cosmogonia de mundo não marcada pelo capital e pela colonialidade do ser e do saber.

A literatura infantil afro-brasileira na prática educativa não é somente fruição, é pensado como um espaço de luta por participação e transformação social, assim, esta literatura tira a criança negra e indígena da subalternidade e a coloca como protagonista da história, suscitando e fortalecendo a autoestima das crianças negras. Possibilitando que as crianças conheçam outras culturas, lugares, tempos, óticas, realidades, éticas. épocas e vivencie distintas emoções e sensações, e acima de tudo promova o conhecimento de si, resgate e valorização da memória afro-brasileira, além de proporcionar o bem-estar do sujeito possibilita a construção saudável da cidadania e democracia brasileira plural onde há espaço para todas as formas de ser enquanto sujeito.

2.2 BONECA ABAYOMI: BRINCAR ANCESTRAL

O jogo sempre esteve presente na sociedade humana, mas os animais também brincam como os indivíduos, a natureza e o significado do jogo ocupam um espaço

no sistema da vida. O jogo transcende a esfera da vida humana, a sua existência não está relacionada a qualquer período da civilização, ou a qualquer concepção do universo. O jogo está presente na cultura como um elemento prévio a ela.

As teóricas Silva e Sarmiento (2017) sintetizaram algumas concepções sobre o brincar, de acordo as mesmas, o brincar não deve ser considerado pelos adultos como um mero passatempo ou diversão, mas como uma aprendizagem para a vida adulta, pois o ato de brincar é basilar para a formação do caráter e da personalidade da criança. Brincando a criança estimula a inteligência, pois este ato faz com que ela liberte a sua imaginação e desenvolva a sua criatividade, além de proporcionar o exercício de concentração e atenção para as variadas situações cotidianas, explorando o mundo, construindo o seu saber, aprendendo a respeitar o outro, desenvolvendo o sentimento de grupo, ativa a imaginação e o autorrealiza-se. A brincadeira traz vantagens sociais, afetivas e cognitivas para o desenvolvimento infantil, no brincar, as crianças crescem, descobrem o mundo e ao mesmo tempo, se revelam a si mesmas, sendo mediadores de socialização.

O teórico Johan Huizinga (1980) elenca algumas características do jogar/ brincar, a primeira é que o jogo deve ser uma atividade voluntária, sujeito a ordens, mas onde há liberdade. A segunda é que o jogo não é vida corrente, nem vida real, mas uma evasão da vida real para um âmbito temporário de atividade com orientação própria, “um faz de conta”. A terceira característica é o isolamento, a limitação (há um começo e fim). Outra característica é que o jogo cria ordem e é ordem, todo jogo tem regras e estas determinam o que é válido no jogo. Assim, o jogar, brincar é uma atividade livre, capaz de absorver o exterior a vida habitual, mas também capaz de absorver o brincante de modo intenso e total.

As bonecas estão presentes nas culturas humanas, acompanhando crianças e adultos desde tempos remotos representando posturas sociais e relações simbólicas. Apesar da popularidade do brincar de bonecas, quando se trata de bonecas pretas a história não é essa. As bonecas pretas ainda são uma raridade nas linhas de produção brinquedos e nas prateleiras de lojas infantis virtuais. De acordo, o levantamento Cadê

Nossa Boneca de 2023, somente 13,6% das bonecas ofertadas são pretas, enquanto são ofertadas 86,4% dos modelos brancos de bonecas.

A proposta do livro *As bonecas negras* de Lara, vão na contramão deste cenário, trazendo como destaque bonecas negras, ratificando a valorização da cultura afro-brasileira ao apresentar as Abayomi na obra. A tradição oral atribui um mito de origem boneca Abayomi como desenvolvida durante a viagem dos escravizados da África para o Brasil, onde as mães a fim de acalmar as crianças, contavam histórias de seus antepassados enquanto faziam pequenas bonecas a partir de pedaços de tecidos de suas roupas, que posteriormente acompanhavam as crianças na separação da chegada ao porto. A artesã Lena Martins, diretora da Cooperativa Abayomi de mulheres negra, (re)cria a boneca em oficina e cursos, numa linda ação artística, lúdica, afetiva, política, a fim de fortalecer e valorizar a identidade cultural afro-brasileira (BORSETTO; ARAGÃO, 2020). Brincar com bonecas negras é um ato de resistência e valorização da cultura afro-brasileira, possibilitando que as crianças reflitam sobre a sociedade em que estão inseridas, revivam seus dilemas e se desenvolvam.

2.3 OUVINDO LARA, SUAS BONECAS E AS CRIANÇAS

A obra foi produzida pela escritora e professora Doutora Aparecida de Jesus Ferreira tem doutorado e Pós-Doutorado pela University of London/Inglaterra. É professora Associada da UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ministra aulas no curso de Letras na Graduação e Mestrado. A obra foi publicada em 2017, na cidade de Ponta Grossa, pela editora ABC Projetos e teve como ilustrador Élio Chaves.

O livro apresenta três crianças negras, Lara, Paula e Sérgio e suas experiências com bonecas negras. O primeiro relato é feito por Lara contando a história da Abayomi que aprendeu com sua avó, a qual aprendeu com sua mãe. O segundo relato é feito por Sérgio, o qual conta sua vivência no parque brincando com bonecas. O último relato é feito por Paula, que explana acerca sobre o desenho da boneca que ela mais as suas colegas pintaram na sala de aula de acordo a sua pele, trazendo à tona a

questão do lápis cor de pele. Ao final o livro há três atividades em anexo para ser feito na sala de aula com as crianças

A obra rompe paradigmas ao trazer uma menina negra como protagonista, abordar questões de gênero, pois meninas e meninos brincam de bonecas e carrinhos; além de ter uma linguagem atenta a questão de gênero flexionando em gênero os substantivos e adjetivos. Também apresenta a família negra de Lara, sua mãe e avó, não reproduzindo racismo e estereótipos, não restringindo a família a situações de subalternidade. Explana sobre ancestralidade ao contar a história da abayomi que foi contatada pelos antepassados de Lara. Discute identidade, ao trazer à tona a questão do cabelo crespo, quando a personagem principal tem um lindo e volumoso cabelo crespo, além de apresentar uma ilustração de coleção de bonecas negras, como uma diversidade de cabelos crespos e cacheados. Dá continuidade a questão da identidade ao abordar a questão dos lápis tons de pele na história de Paula, explorando a questão que não há um único tom de pele negra, nem não negra, a fim de que as crianças possam se reconhecer como negras.

A atividade com o livro ocorria da seguinte forma, as crianças eram organizadas em círculo, o livro era apresentado, a autora, ilustrador. Antes de começar a contação é feito uma questão introdutória, “Quem aqui tem boneca negras?” Apenas uma criança tem boneca negra. Em seguida era feita a contação da história, observando para leitura de palavras e imagens. Durante a leitura uma criança negra falou sobre uma das bonecas do desenho, “Parece uma bruxa, tá com cabelo de bruxa”. Seu colega também negro retrucou “Ela tá com cabelo de black, ela continuou sou chocolate”. Essas duas crianças negras têm percepções distintas sobre o cabelo crespo, sobre sua própria autoimagem e autoestima.

Figura 01 Fotografia Bonecas Abayomi



Fonte: própria autora

Encerrada a leitura, após este momento fizemos duas atividades desta obra, fizemos a pintura dos bonecos onde as crianças deveriam pintar os bonecos e bonecas, pele e cabelos, como elas eram. Em um momento seguinte foi

produzida abayomis com as crianças da turma. Quando as crianças começam a pintar os bonecos, de acordo sua autoimagem, eles pintam a pele de rosa, vermelho, azul. Trazendo à tona a questão de cor de pele, novamente, mais uma vez é feito a problematização sobre haver várias cores de pele, não uma única cor de pele “rosa”, apesar disso elas seguem se pedindo o lápis “cor de pele” ou outras cores, menos uma que se assemelha a sua pele. As crianças seguem se retratando, pintando o olho de azul, verde, como disse um aluno “pra dá um charme”, mas não como de fato eles são, com seus olhos castanhos.

O cabelo é outra questão, apesar das crianças da história serem negras, da personagem principal ter cabelo crespo, todas as meninas fazem o seu autorretrato com uma imagem diferente de sua imagem real, as crianças estão alienadas da sua própria imagem. Elas não gostam de si, não querem se retratar como são. As crianças seguem em negação de si, de sua cor, de seu cabelo crespo, o qual é uma das maiores expressões e suporte simbólico da identidade negra no Brasil, possibilitando a construção da beleza negra, a partir de outros referenciais afrocêtricos.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do

lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2003, sp)

Num outro momento, houve o reconto da história das bonecas abayomi e houve a produção delas passo a passo com as crianças. A Abayomi tem o corpo preto, mas uma das crianças perguntaram se não tinha tecido branco para fazer a boneca africana. A questão foi problematizada e foi explicado que os africanos e seus descendentes são negros, logo a boneca não poderia ser branca. Ao término as crianças levaram suas abayomis com tecidos coloridos e turbantes na cabeça para casa, sendo a primeira boneca negra para quase todas as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo inscreve feridas sociais e na alma de todas as pessoas de qualquer origem étnico-racial, sejam naquelas pessoas que são alvo desta prática social, sejam nos reprodutores. Contudo, é evidente que ele é substancialmente mais nocivo para quem sofre seu ataque, pior ainda quando são crianças, fragilizando os processos identitários, sendo muito mais duro para as crianças que tem seu processo de formação identitária corrompidos pela lógica eurocêntrica que nega a história e ancestralidade destes grupos étnicos. Gomes (2019) afirma que o combate ao racismo ocorre através de construções de estratégias, práticas. Movimentos e políticas antirracistas que promovam a igualdade racial e problematizem essa questão entre negros e não negros. Enfim, é preciso ter uma releitura histórica, sociológica, antropológica e pedagógica que entenda, valorize e reconheça a humanidade, o potencial emancipatório e contestador do povo negro no Brasil, assim como os povos africanos e demais povos afro-diaspóricos.

Numa educação comprometida com a democracia, com a luta social e pela garantia dos direitos sociais a questão racial não pode ser negligenciada na escola, não cabe mais o folclorismo sobre essas questões, nem que esta temática seja um anexo na prática pedagógica, pontual para ser trabalhando num único período do ano. Entendendo, que o fim da educação deve ser a igualdade dos direitos sociais a todos

os cidadãos e cidadãs, a literatura infantil afro-brasileira é um dos meios de fruição e formação para suscitar a cidadania plena de todos os sujeitos.

A vivência com a obra “As bonecas negras de Lara”, aponta algo que foi notório durante toda a pesquisa, a violência que a criança negra emprega a si mesmo, não se valorizando, nem aceitando como são. Esta negação sobre si o é oriundo da baixa representatividade, da violência estética, da negação da história, da cultura, da identidade do povo negro, do seu apagamento ao longo da história. A literatura infantil afro-brasileira na prática educativa não é somente fruição, a leitura de literatura infantil afro-brasileira possibilita que as crianças desconstruam padrões normativos e subrepresentações da história e cultura afro-brasileira que sustentam o racismo e compreendam os referenciais afro-brasileiros e africanos sem a perspectiva etnocêntrica.

Destarte, esta literatura tira a criança negra da subalternidade e a coloca como protagonista da história, suscitando e fortalecendo a autoestima das crianças negras. Possibilitando que as crianças conheçam outras culturas, lugares, tempos, óticas, realidades, éticas. épocas e vivencie distintas emoções e sensações, e acima de tudo promova o conhecimento de si, resgate e valorização da memória afro-brasileira, além de proporcionar o bem-estar do sujeito possibilita a construção saudável da cidadania e democracia brasileira plural onde há espaço para todas as formas de ser enquanto sujeito.

REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, I.M.C; GOMES, N.L; JORGE, M.L.S. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DEBUS, Eliane. A temática da cultura africana e afrobrasileira na literatura para crianças e jovens. São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. **As bonecas negras de Lara**. Ilustrador: Élio Chaves. Ponta Grossa: ABC Projetos, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural; Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, p. 98-109, 2012.

GOMES, Nilma Lino. In: MUNAMGA, K. **Negritude: usos e sentidos.** 4. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2019.

HUIZINGA, J. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo, Perspectiva, 1980.

MARIOSIA, Gilmaria Santos. REIS, Maria da Glória dos. **A influência da Literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças.** Estação Literária Londrina, Vagão-volume 8 parte A, p. 42-53, dez. 2011.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de and CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil.** *Educ. rev.* [online]. 2010, vol.26, n.1.

SANTANA, Marise de. **O Legado Ancestral Africano na Diáspora e o Trabalho Docente: desfrancizando para cristianizar.** 150 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). PUC, São Paulo, 2004.

Teresa Sarmiento, Fernando Ilídio Ferreira, Rosa Madeira (org). **Brincar e aprender na infância.** 1ª ed. - Porto : Porto Editora, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.